

**cR**

Centro  
de Referência  
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo  
do Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**



InstitutoPauloFreire

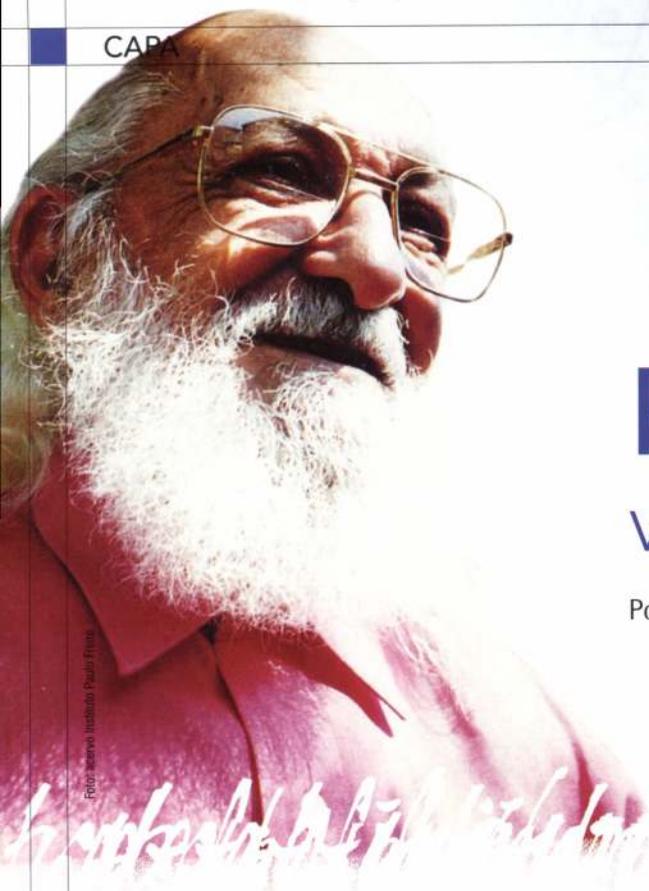


Foto: arquivo Instituto Paulo Freire

# Paulo Freire: vida e esperança amorosa

Por Mario Sergio Cortella

**D**ez anos! Uma década sem ouvir pessoalmente (e como tinha pessoa nisso...) a voz segura, mansa e afetiva de Paulo Freire; uma década sem ter a possibilidade de indagar diretamente a ele sobre as questões sociais, políticas e pedagógicas mais urgentes que, como nos ensinou, são dimensões diversas de um mesmo fenômeno; uma década sem obter o conselho sábio e a reflexão dialógica que nos oferecia presencialmente.

Uma década sem Paulo Freire? Jamais; não há, e nem haverá, "década sem Paulo Freire".

Para que isso fosse real, teríamos de esquecer, apagar, descartar tudo aquilo que ele conseguiu impregnar em milhões de mulheres e homens pelo grande mundo: esperança amorosa, persistência política e competência educativa.

Podemos dizer, isso sim, que em 02 de maio de 2007 lembramos dez anos da impossibilidade de vivência com Paulo Freire; podemos também afirmar que já faz uma década que precisamos recordar não ser factível um encontro com ele que não seja pela honesta obra e essencial legado.

Podemos dizer, ainda, ser um tributo adequado comemorar essa década. Comemorar? Claro. Comemorar é lembrar junto, é trazer conjuntamente à memória; às vezes comemorar é festejar, em outras é celebrar (tornar célebre) de modo meditativo e entristecido.

Neste caso, no ano em que Paulo Freire chegaria à 86ª. primavera (ele que nasceu no 19 de setembro de 1921, três dias antes do início da florida estação), os dois sentimentos se mesclam: alegria festiva (pela sua existência profícua e densamente humana) e um pouco de melancolia (por não mais contarmos com sua vivacidade cotidiana).

Por isso, não é uma década sem Paulo Freire.

Repitamos: a vitalidade das opções desse inesquecível Mestre se robustece todas as vezes nas quais praticamos e disseminamos esperança amorosa, persistência política e competência educativa. Paulo Freire e seu legado falam, claro, por si mesmos; o que desejamos é dar destaque a alguns excertos dessa imensa obra, de modo a expressar a atualidade que sustenta e, portanto, afastar a idéia de uma ausência produzida pelo tempo já passado.

Por exemplo, escrevera a quem ousa ensinar: "Na medida em que tenho mais e mais clareza a respeito de minha opção, de meus sonhos, que são substantivamente políticos e adjetivamente pedagógicos, na medida em que reconheço que, enquanto educador, sou um político, também entendo melhor as razões pelas quais tenho medo e percebo o quanto temos ainda de caminhar para melhorar nossa democracia. É que, ao pôr em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do educando, necessariamente trabalhamos contra alguns mitos que nos deformam. Ao contestar esses mitos enfrentamos também o poder dominante pois que eles são expressões desse poder, de sua ideologia". (*Professora Sim, Tia Não: Cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1993, p. 58)

Sonhos substantivamente políticos e adjetivamente pedagógicos! É a política como horizonte e a pedagogia como caminho ou, como sempre dizia, "a esquina da briga". Paulo Freire insistia (ainda bem!) que na Vida existe uma única briga que vale a pena brigar: a briga pela dignidade coletiva. Cada um de nós, lembrava, briga em uma "esquina" (retomando a recorrente e

belicosa bravata juvenil de quando estávamos na escola: Te pego na esquina! Te espero na esquina!). Alguns "brigam" essa honrosa briga na Escola pública, outros na particular, alguns no Governo, outras no Parlamento, algumas na ONG, outros no Sindicato.

Tanto faz. Na Vida, gostava de sussurrar, a gente pode até mudar de "esquina"; o que não pode é mudar de "briga"...

Essa briga pela dignidade coletiva era (e é) a força que Paulo Freire defendia como sendo a face correta de um progressista na pós-modernidade; houve momentos em que algumas pessoas situaram o pensamento freireano como ultrapassado, muito assinalado pelos meados do século XX, sem maior perenidade.

Ele não deixou que esse preconceito crescesse. Em 1993 aconteceu na Malásia um congresso sobre Comunicação e Desenvolvimento na Era Pós-Moderna: uma Reavaliação do Legado Freireano e, convidado a fazer a saudação inicial, não esmoreceu: "Entendo, por outro lado, que assim como houve progressistas e retrógrados na antigüidade, na modernidade, também os há na pós-modernidade. Há uma forma reacionária de ser pós-moderno como há uma forma progressista de sê-lo. A pós-modernidade não está isenta dos conflitos, por conseguinte das opções, das rupturas, das decisões. Para mim, a prática educativa progressistamente pós-moderna (...) é a que se funda no respeito democrático ao educando como um dos sujeitos do processo, é a que tem no ato de ensinar/aprender momento curioso e criador em que os educadores reconhecem e refazem conhecimentos antes sabidos e os educandos se apropriam, produzem o ainda não sabido. É a que desoculta verdades em lugar de escondê-las".

Parece óbvio para nós hoje indicar essa idéia de um processo muitas vezes falado; contudo, essa "obviedade" entrou no nosso cotidiano pela persistência de Paulo Freire desde a *Pedagogia do Oprimido*: "Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem 'comportada', mas, na complexidade de seu permanente vir a ser". (3ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975, p. 118)

Vir-a-ser, processo, fazer-se e refazer-se; de novo, com firmeza, na *Pedagogia da Esperança*: "Não podemos existir sem nos interrogar sobre o amanhã, sobre o que virá, a favor de que, contra que, a favor de quem, contra quem virá; sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o 'inédito viável' demandando de nós a luta por ele". (12ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, p. 98)

Fazer-se professor, com amorosidade competente e consciente, atento às urgências éticas e ao lugar da autoridade docente (sem

autoritarismo) e do lugar inestimável do conteúdo curricular nas nossas práticas pedagógicas. Nada de mergulhar no obscuro pântano da abolição do cuidado epistemológico e, a partir daí, entregar-se ao voluntarismo imediatista. Fazer-se professora e professor por inteiro!

Essa é a razão pela qual, em entrevista de 1984, transcrita no número 4 da revista *Religious Education*, Paulo Freire mais de vinte anos atrás, foi enfático: "Não existe nada que me envergonhe de ser um professor. Eu sou um professor. Ensinar é absolutamente fundamental. Para mim, a questão é como ser um professor que facilita o saber aos educandos, aos estudantes. (...) Há um certo momento em que também os professores 'facilitadores' têm que ensinar alguma coisa. Se eles não fazem isto, o processo de engajamento como o ato de conhecer pára. Epistemologicamente, é impossível conhecer sem informação. Há um momento no processo de conhecimento no qual o sujeito cognitivo precisa de um segundo tipo de informação. Precisamente neste momento em que a informação é demandada, os facilitadores têm que ensinar, porque eles têm que tornar possível a informação. Para mim o problema é saber se sou um professor democrático ou um professor autoritário. Esta é a questão para mim. Não (é) parar de ser professor".

Há dez anos, pouco antes da morte de seu corpo, nos advertiu: "Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa." (*Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997, p. 115)

Edificar o inédito viável! Postura atual, viva, pujante. Essa tomada de posição, como dizia ele, era escolha política e temos de fazê-la amiúde.

Por isso, mais uma vez, não é uma década sem Paulo Freire. ■



Mario Sergio Cortella é filósofo, professor-titular do Departamento de Teologia e Ciências da Religião e da Pós-Graduação em Educação (Currículo) da PUC-SP; foi secretário municipal de educação de São Paulo (1991/1992) e é autor, entre outros livros, de *A Escola e o Conhecimento* (Cortez), *Nos Labirintos da Moral*, com Yves de La Taille (Papirus), *Não Espere pelo Epitáfio... (Vozes)* e *Não Nascemos Prontos! (Vozes)*